



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LEILA CARNEIRO MATTOS

2015

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-528

Entrevistada: Leila Carneiro Mattos

Nascimento: 10/03/1962

Local da entrevista: CEME

Entrevistadora: Christiane Macedo

Data da entrevista: 19/03/2015

Transcrição: Thayná Lima Fagundes

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora, 20 minutos e 28 segundos

Páginas Digitadas: 22 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória do Esporte (CEME); Trabalho na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; Funções no CEME; Acervo; Outros lugares de memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Formação; Atividades do Espaços e estrutura do CEME; Profissionais das Ciências da Informação que auxiliaram o CEME; Doações de Acervos para o CEME; Repositório digital; Financiamento; Impacto para a Universidade; Grupo de Pesquisa; Projeto Garimpando Memórias; Incêndio no CEME; Definição do CEME; Palavras finais.

Porto Alegre, 19 de março de 2015. Entrevista com Leila Carneiro Mattos a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Leila, primeiro muito obrigada [risos], é uma honra te entrevistar. Eu queria que você começasse contando como você se envolveu como o Centro de Memória¹.

L.M. – O meu envolvimento com o Centro de Memória começou no ano de 2002, onde eu fui convidada pela professora Silvana², eu já estava fazendo a graduação de história e a gente não se conhecia. Um dia eu estava trabalhando na secretaria de extensão e ela andava por lá e eu acho que ela gostou da minha pessoa e me convidou para eu ir trabalhar, já sabendo que eu cursava história e eu acho que ela achou interessante eu vir trabalhar com ela. Até porque não tinha um grupo definido de pessoas para trabalhar no Centro de Memória. A princípio começou, eu e ela, no Centro de Memória. O Centro de Memória se localizava não nesse prédio que a gente está aqui, em cima da Secretaria Administrativa³, mas sim era um anexo do Ginásio I⁴, a gente tinha lá uma sala que era bem maior que essa aqui, que era uma sala administrativa, o espaço lá era bem maior. Daí a gente tinha uma sala onde ficava o nosso acervo só de livros, nós tínhamos uma sala de restauro e nós tínhamos uma sala de exposições nesse Ginásio I, aí a gente ficou lá por um bom tempo e depois que a gente passou para esse segundo piso aqui, onde a gente trabalha até hoje.

C.M. – Você está na ESEF⁵ desde quando?

L.M. – Eu entrei na ESEF em 1995.

C.M. – E quais as funções que você passou antes de chegar no Centro de Memória?

¹ Centro de Memória do Esporte (CEME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Silvana Vilodre Goellner.

³ Da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID).

⁴ Ginásio Poliesportivo.

⁵ Algumas vezes a ESEFID é citada como ESEF, pelo costume, já que a sigla mudou em 2015.

L.M. – Eu comecei a trabalhar na ESEF, na verdade o meu concurso foi para servente de limpeza, mas na verdade eu fiquei bem pouco tempo, porque eu fiquei só até o final do meu estágio probatório nesse cargo de servente, depois eu trabalhei na recepção do Centro Natatório e depois trabalhei na Secretaria de Extensão, foi tudo isso a convite do professor que faleceu, o professor Guimarães⁶.

C.M. – E quando você iniciou no CEME, como estava o acervo, ele estava em boas condições?

L.M. – Na verdade, Chris, quando a gente começou a trabalhar no Centro de Memória, já existiam alguns acervos no Centro de Memória, porque o Centro de Memória, na verdade ele foi criado em 1996 e ele permaneceu com a professora Janice⁷, que nesse período foi coordenadora do Centro de Memória praticamente até o ano de 2000. Então quando a gente chegou no Centro de Memória já existia um acervo do Rolla⁸, que foi o primeiro acervo doado para instituição, que esse acervo ele constituía-se muito de materiais tridimensionais, um acervo muito grande, roupas e acessórios e alguns livros que foi uma compra que foi feita do professor Rolla pela biblioteca, na gestão da Rosalia⁹ e das outras colegas lá que agora eu não me lembro bem o nome. Então já existia esse acervo e a gente já estava, quando eu cheguei, em tratativas com o doutor Henrique Licht¹⁰, que é um dos nossos mentores, vamos dizer assim, aqui no Centro de Memória e maior doador do nosso material. Então a professora Silvana já estava fazendo uma parceria com ele. A minha colega, técnica administrativa Berenice Rolim¹¹, ela também já estava trabalhando com o doutor Henrique nessa parte de acervo. Ele estava com uma saúde em condições, que hoje já não é o caso, mas naquela época ele vinha duas a três vezes no Centro de Memória para trabalhar o acervo que ele estava dando, já que ele é um guardião da memória do esporte, ele é uma pessoa que, ele se doa muito e se doou muito para o Centro de Memória, ele gosta muito do Centro de Memória, então nessa época ele vinha três vezes por semana e ficava trabalhando ali com a Berê. Ela ficou um bom tempo trabalhando com ele na

⁶ Antônio Carlos Stringhini Guimarães.

⁷ Janice Zaperllon Mazo.

⁸ João Luiz Rolla.

⁹ Rosalia Pomar Camargo.

¹⁰ Henrique Felipe Bonnet Licht.

¹¹ Berenice Machado Rolim, conhecida como Berê.

catalogação desse material que ele estava doando para o Centro de Memória e logo em seguida eu comecei a fazer parte já desse trabalho também, só que nesse período a Berê não ficou muito tempo com a gente, ela foi trabalhar no Museu da Universidade e aí eu comecei a trabalhar com o doutor Henrique, eu e a professora Silvana e aí continuamos nessa catalogação, continuamos na busca do material na casa do doutor Henrique, ou ele vinha ou ele mandava alguém vir trazer o material e começamos a constituir. A gente também já tinha outras pessoas que doavam o material, muita coisa que a gente tem aqui também é a história da ESEF, quando a gente começou a trabalhar com o material da história da ESEF se percebeu que muita coisa tinha sido perdida, nessa coisa de restituir a memória da Escola *muita* coisa se perdeu, *muita muita muita* coisa mesmo, o que a gente tem e que a gente hoje já está no processo de catalogação, já foi higienizado, já foi catalogado, agora algumas peças estão sendo colocadas no nosso repositório, mas ainda temo um déficit muito grande desse material da Escola. Então esse material não conta linear a história da ESEF, ele conta a história em alguns pedaços, por exemplo, nós temos coisas interessantes do início da ESEF, a gente possui fotos, a gente possui documentos, a gente possui atas, mas a gente não possui a história, por exemplo, no ano de 1945, vamos supor, e 1946 e 1947, aí passa esse espaço nós temos outro período e assim por diante, entendeu? E hoje em dia a gente ainda tenta fazer essa história, contar essa história da ESEF e preservar essa memória buscando nos setores da própria instituição um material que nos conte essa história de hoje, para que se possa preservar esse material. Na época, no ano de 2000, nós tínhamos, basicamente, o acervo do Rolla, que foi a pergunta que tu me fez, nós tínhamos praticamente o acervo do Rolla e o acervo institucional contando um pouco dessa história da ESEF. E nós tínhamos, também, algumas doações esporádicas, alguém que tinha interesse em doar alguma coisa para o Centro de Memória, algum livro interessante, algum professor que tinha seu material, que se aposentou e resolveu doar algumas coisas para o CEME, que era seu material de estudo, suas pastas com todo material, alguns livros, algumas coisas. Basicamente era esse o material que a gente tinha, e nós tínhamos também um acervo de livros que também foram doados por alguns professores da instituição.

C.M. – Na época que você começou a trabalhar no CEME, você percebia algum movimento dentro da universidade ou nos eventos que você participou de outros Centros de Memória?

L.M. – Olha, Christiane, esse envolvimento com Centros de Memória, para te falar bem a verdade, acho que começou a bem pouco tempo, não posso te precisar uma data, mas vamos dizer, há uns quatro, cinco anos e começou forte esse movimento dos Centros de Memória, de museus e de se guardar essa memória, porque até então não existiam. Nós tínhamos aqui o Centro de Memória da ESEF, mas as outras unidades da universidade não se percebia a existência de tais Centros ou de tais museus que preservassem essa história. Posso te dizer, já existia o Museu da universidade, mas de uma forma não tão intensa como é hoje, com essas programações, com as coisas que eles tem lá, que foi ao longo do tempo, ele foi crescendo e se tornou o que é hoje, mas antigamente, também, não era um movimento tão forte, não se fazia nada dessas divulgações que existem hoje e nas outras unidades eu posso te dizer, não existia. Não existiam grupos como existe hoje, que a gente vai, participa, onde existem vários grupos que participam do REMAM¹², onde tem já um pessoal institucionalizado para trabalhar essas questões de museu e acervo. Então cada unidade da universidade está procurando ter seu acervo, ou o seu museu, ou o seu Centro, trazendo coisas da própria instituição e criando. Já existe acervo da Rádio da universidade, já existe o Museu da UFRGS¹³, já existe o da Paleontologia, já existe o da Astronomia. São vários, quando a gente se reúne lá hoje, que estão ainda num processo de alavancar os seus acervos, os seus museus, os seus materiais, mas eu acho que ainda há destaque quando a gente vai nessas reuniões, do Centro de Memória. Eu acho que ele, nessa questão de preservação de memória, fora o Museu que já era constituído, foi um dos pioneiros nessa preservação da memória.

C.M. – E fora daqui da UFRGS, de outras universidades e também aqui de Porto Alegre, vocês tiveram contato com outros memoriais, outros museus?

L.M. – Olha, Christiane, contato a gente sempre procura manter para saber o que os outros museus e os outros acervos tem e que possa contribuir com o que a gente está

¹² Rede de Museus e Acervos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

trabalhando e o que a gente tem pretensões de fazer, mas *in loco*, de eu ir nesses locais, de eu ir pesquisar ou de ter contato com essas pessoas, sinceramente, não.

C.M. – E como que você se apropriou desses conhecimentos para trabalhar no Centro de Memória? Você fez o curso de história, mas como que você começou a lidar com os acervos, com a parte de organização e higienização?

L.M. – Como eu te disse, Christiane, eu fiz licenciatura em história e até então eu não tinha conhecimento de trabalhos em acervos e museus, nunca tinha trabalhado, o que foi me proporcionado nesse espaço de trabalho? Muitos cursos, muitos cursos, ações de capacitação para que eu pudesse exercer as atividades que eu exerço hoje. A universidade passou também, dentro dessas capacitações, a oferecer cursos para pessoas que trabalham em acervos e museus. Então tem cursos aos sábados que a gente faz com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre que vem as pessoas e passam todas as experiências deles, a gente faz um curso lá que fica um dia inteiro lá aprendendo, teve outros cursos que eu fiz de materiais, de como concertar livros, de como preservar, higienizar, conservar, limpar e organizar esse material. Então ao longo do tempo, eu acho que o que me deu embasamento para trabalhar no Centro de Memória foram os cursos de aperfeiçoamento e aprimoramento que eu faço constantemente para me aperfeiçoar no que eu trabalho.

C.M. – Agora no início, quais as atividades que se tinha no CEME, quando você começou a trabalhar, e como foram se agregando as atividades ao Centro de Memória?

L.M. – Na verdade, Christiane, quando a gente começou o Centro de Memória as atividades que tinham, a gente tinha uma sala administrativa e se fazia serviços administrativos e se trabalhava muito na pesquisa. Muito na pesquisa, porque a professora Silvana, ela já tinha alguns trabalhos de pesquisa e criou o carro chefe inicial que é o Projeto Garimpando Memórias, que é o projeto que a gente tem e que carrega o CEME até hoje. Apesar de a gente ter outros projetos, mas o Garimpando Memórias é o carro chefe desse processo. Se trabalhava muito com extensão também, então no Centro de Memória, a gente sempre teve muitos bolsistas e pesquisadores. Não se comparando ao grupo que nós

¹³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

temos hoje, que é um grupo que praticamente triplicou o número de pessoas que trabalham conosco, mas já no ano de 2000, nós já tínhamos vários bolsistas de pesquisa, na área da iniciação científica, na área do mestrado e na área do doutorado e bolsistas na área da extensão também. A gente sempre trabalhou muito com pesquisa, muito com extensão e nessa parte da extensão a gente começou também com a parte das exposições, que a gente fazia muito trabalho de extensão com exposição para mostrar o Centro de Memória fora da ESEF, fora dos portões da universidade. Nós fomos para shopping, nós fizemos viagens pelo interior do estado, nós fizemos já exposição na Prefeitura de Porto Alegre, em shoppings de Porto Alegre, em Ijuí, Gramado, Erechim, a gente já foi. A professora Silvana também já levou exposições para fora daqui do Rio Grande do Sul, em outros lugares para gente mostrar o nosso trabalho e mostrar as coisas que a gente tem, os materiais ricos que a gente tem aqui no Centro de Memória. Porque como hoje em dia, já naquela época começou a se criar as coleções de acervo, começou a ter peças tridimensionais, mostrar tudo que a gente tinha no Centro de Memória, mostrar para as pessoas, que já existia um centro que se preocupava com essa parte do esporte, com a parte de tudo que era ligado a dança, ao esporte, as atividades físicas, então a gente fazia exposições nesses lugares para mostrar o nosso trabalho.

C.M. – Agora sobre o espaço. Como foi a mudança daquele espaço inicial ali no ginásio para os outros espaços?

L.M. – Quando a gente estava no anexo do Ginásio I, o nosso espaço era muito grande. A gente tinha ali uma sala de restauro, que a gente podia trabalhar lá, como eu já disse, acho que eram seis salas, que a gente tinha a disposição do Centro de Memória. Só que o lugar em si era um lugar insalubre, insalubre por quê? Porque era um lugar que ele não te oportunizava condições de trabalho, porque ele não tinha ventilação, ele não tinha janelas ao teu alcance para evacuar aquela poeira, evaporar aquela umidade, aquelas coisas, não tinha nada, mas em compensação ele era um lugar maior, ele era um lugar mais aberto, entendeu? Se tu quisesse fazer uma limpeza de um material, por exemplo, tu tinha uma sala onde tu podia limpar o material, onde tu podia higienizar o material, onde tu podia fazer as tuas colagens dos livros, da reconstituição daquele material e tu tinha um espaço onde tu podia deixar, nós tínhamos prensa, nós tínhamos todo o material para fazer esse

trabalho, entendeu? Ah! Só que naquela época também o lugar era muito insalubre porque na parte superior do prédio, que eram dois andares, então na parte debaixo da onde a gente ficava, tinha uma sala, ali era muito insalubre, não tinha janela e o piso era de carpete, então aquilo vivia sempre úmido, a gente vivia com muito cheiro de umidade, entendeu? Era muito insalubre o lugar, mas em compensação era um lugar mais aberto e com mais espaço do que o Centro de Memória de hoje. Hoje o que que acontece? Nós tínhamos todo um espaço aqui na parte superior do prédio, lógico que com algumas deficiências porque o Centro de Memória nunca deve ser localizado na parte superior, porque tem pessoas que tem problemas de deficiência que precisam visitar, como a gente tinha uma sala de exposição, fica bem complicado. Nós tínhamos todo um espaço, ao mesmo tempo esse espaço começou a se reduzir, se reduzir, nós tínhamos duas salas de aula, nós tínhamos uma sala de exposição e hoje em dia se perdeu tudo. Hoje o que que nós temos, praticamente é uma sala pequena, que é uma sala técnica administrativa, nós temos uma sala de reserva técnica e uma sala da administração. Então o Centro de Memória hoje se reduz a isso, só que o nosso espaço continua insalubre, porque nós somos mais de vinte e cinco pessoas para trabalhar em dois turnos, o Centro de Memória não fecha nunca, ele abre às oito e trinta da manhã e fecha às dezessete horas, ininterrupto, mas continua sendo um ambiente insalubre de trabalho para gente guardar o nosso material. Hoje, o nosso material é super bem organizado, ele fica em prateleiras, não tem nenhum tipo de material no chão, nosso material é todo condicionado, hoje em dia, grande parte está catalogado e separado por coleções. Hoje já tem grande parte do nosso material no Repositório¹⁴, então a gente tenta trabalhar da melhor forma nessas condições que a gente tem, mas que são condições que, ao meu ver, continuam muito insalubres, porque na sala da administração não tem nem janela, é complicado, entendeu? Então não trabalhamos só em cima de condições, porque muitas vezes a gente vem e não está ligando para essas coisas de condições, a gente quer ver o trabalho da gente, o Centro de Memória mostrando o que que a gente faz. Mas eu não sei se estivéssemos na outra sala, no Ginásio, se não seria melhor, pois pelo menos tinha um acesso que não tinha esse horror de escada para as pessoas subirem, era mais plano, as pessoas tinham mais acesso. Apesar de também ter uma escadaria, mas não era uma escadaria nesse volume que é hoje. Então eu acho que lá era melhor e melhor localizado do que aqui, porque aqui bate muito sol para o acervo, aqui

¹⁴ Referência ao LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

quando é inverno tem muita umidade para o acervo. Hoje em dia a gente teve a colaboração das gurias lá do museu e da REMAM para se colocar aqui um aparelho que medisse a temperatura e umidade na sala do acervo, nós temos um desumidificador para controlar. Então a gente faz coisas que não prejudiquem essa quantidade de material que a gente tem, porque hoje, praticamente, nós temos nove coleções e não são coleções pequenas, são coleções grandes de acervo que a gente tem com fotos, com tridimensionais, com roupa, com acessórios, com livros, com documentos, a maioria desses acervos, todos eles são grandes, não posso dizer que tem nenhum pequeno e nenhum que seja ou mais valorizado ou menos valorizado, todos praticamente estão no mesmo patamar de igualdade e a gente trabalha com eles todos da mesma forma, mas as condições eu acho, para o acervo, ao meu ver, ainda são muito insalubres.

C.M. – Por que que mudou lá debaixo para cá e como é que foi esse processo?

L.M. – O processo foi o seguinte: como a Escola, ela não tem condições de absorver a quantidade de alunos que veem que nós não temos espaço, não tem sala de aula, não tem banheiro, não tem não sei o que, foi feito uma troca para cá, conversado com a professora Silvana para que se viesse para essa parte superior daqui, já que estavam fazendo uma reforma. E que lá ficasse um espaço para a dança e com salas de aulas novas, como o espaço era muito grande daria para fazer esse espaço de dança, sala para os professores e salas de aulas lá e, esqueci de falar, que lá a gente também tinha um banheiro, então que lá ficasse sala de aula, sala da dança e a sala para que pudesse acomodar quatro ou cinco professores e nós viríamos para cá nesse espaço aqui da parte superior. E aí a professora Silvana acabou concordando porque na verdade eles não tinham mais onde comportar tanta gente, tanto aluno sem ter espaço. Foi o que aconteceu agora também, a gente tinha todo esse espaço aqui na parte superior, mas agora nós estamos, exatamente, com duas, quer dizer, uma sala, porque uma sala grande dividida em três pedacinhos, que é uma com o nosso acervo, uma da administração e outra da professora Silvana, mas que todas também são usadas muito porque como o nosso espaço ficou muito pequeno e a gente tem uma demanda muito grande de trabalho, a gente acaba ocupando também a sala da professora Silvana, acaba ocupando a sala do acervo, onde as pessoas não podem entrar, onde é uma reserva técnica, tem que ter todo um cuidado, mas as pessoas acabam trabalhando lá em

função do espaço que a gente não tem de trabalho. Então na verdade esse nosso grupo de pessoas acaba ocupando todos esses nossos espaços, mas para nós o interessante é que ninguém entrasse na nossa reserva técnica, porque a reserva técnica ela não é um lugar de acesso para todos.

C.M. – Lembra que época que foi essa mudança de lá para cá?

L.M. – Olha, Christiane, eu acho que foi na gestão do professor Ricardo¹⁵, há oito anos atrás, começou essa mudança, já faz um bom tempinho já que a gente está aqui, na verdade antes foi bem complicado, porque a gente saiu de lá do Ginásio nós fomos para a sala da pós-graduação, ficamos empilhados lá na sala do pós graduação, então nós ficamos numa salinha que era anexo do pós-graduação, depois precisaram daquela sala do pós-graduação e a gente desceu para a sala, onde hoje se reúne lá a direção e onde fazem as reuniões lá da direção, também que era uma micro sala, mas que a gente precisava dar continuidade ao nosso trabalho. Então a gente continuou trabalhando nessa sala e o nosso acervo, todinho ele, ficou entulhado lá, na verdade a gente teve que colocar umas lonas plásticas para não pegar poeira, para não pegar umidade e tudo, mas mesmo assim grande parte do nosso material foi afetado, porque era muita poeira, muita sujeira, muita umidade e não tinha controle de nada. Então quando a gente passou para essa sala aqui, a gente fez a nossa mudança nós mesmos, não me lembro se tinha mais alguma pessoa, mas a gente fez a nossa mudança para cá onde foram instaladas as prateleiras, todo nosso material, nossos armários, mas a gente teve um trabalho muito grande para poder organizar, porque o nosso material ficou *muito*, muito, muito deteriorado, muito estragado e muito prejudicado.

C.M. – Leila, qual era o papel da Rosalia como bibliotecária do Centro de Memória e como que foi surgindo as parcerias, além das bibliotecárias, com o pessoal da museologia?

L.M. – O papel da Rosalia, eu realmente não sei, porque a Rosalia trabalhou muito diretamente no ano de 1997 até 2000 com a professora Janice Mazo, então eu não fiz parte dessa época. Então não sei te dizer qual era o papel da Rosalia, eu sei que existe hoje, eu sei porque as pessoas falam, mas eu te digo que eu não presenciei essa época até porque eu

¹⁵ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

estava fazendo outras coisas. Eu sei da parceria dela com a professora Janice, mas eu não sei te dizer o que que era, como era, como funcionava, nada disso eu sei te dizer. Eu sei te dizer que quando a professora Silvana entrou, a Ivone¹⁶ já era chefe da Biblioteca e como a gente tinha esse nosso acervo de livros, a professora Silvana entrou em contato com a Ivone que acho que era a chefe da biblioteca na época e a Ivone aceitou de pronto levar toda nossa biblioteca de livros para a biblioteca delas lá da Escola, que ela disse assim: “Ah, Silvana, não adianta deixar os livros aqui sem as pessoas terem acesso a esse material porque é um material muito rico”, eram livros de 1900 e alguma coisa, entendeu? “Ah, deixar esses livros sem as pessoas terem acessos, tem livros de dança, tem livros de outros professores, tem uma variedade muito grande de livros históricos, quem sabe a gente leva esses livros lá para a Biblioteca?” E aí a partir desse momento começou a nossa parceria exclusivamente com a biblioteca da Escola, tanto que hoje nós trabalhamos em parceria com a Naila¹⁷ e a Ivone, elas trabalham praticamente junto conosco nessas outras frentes de trabalho que a Silvana criou que é o Garimpando e o Repositório Digital que elas ajudam a inserir. Tem pessoas trabalhando lá no nosso material de livros lá da biblioteca, nosso material histórico está todo lá, tem as gurias lá que arrumam os livros, que fazem a preservação e o reparo dos livros, elas fazem a catalogação daquele material histórico, elas limpam aquele material, a Silvana doou um desumidificador lá para a biblioteca, se criou uma sala específica para se guardar esse material que era do Centro de Memória lá na biblioteca. Hoje em dia essa parceria que a Silvana fez com a Biblioteca as pessoas tem acesso, como nosso espaço aqui é restrito, se hoje não fosse feito essa parceria, praticamente os nossos livros estariam em caixas ou a maioria já teria se estragado, essa parceria deu possibilidade para que as pessoas que tem interesse nessas temáticas, que a gente trabalha aqui no Centro de Memória, possam fazer pesquisa lá na Biblioteca, lá também tem um espaço, aí a pessoa chega pede o livro que quer, as gurias vão lá buscam o livro, o livro já está limpo, já está higienizado, a pessoa pode usar, não pode levar para casa porque ele já está no acervo histórico, então essa parceria foi legal. Aí depois a gente também teve essa parceria com o REMAM, teve essa parceria com os museus e a gente tem a parceria com a Jeniffer¹⁸ e a, não me lembro o nome...

¹⁶ Ivone Job.

¹⁷ Naila Touguinha Lomando.

¹⁸ Jeniffer Cuty.

C.M. – Carol¹⁹.

L.M. – A Carol, que elas vem aqui também, que é uma parceria que vem nos ajudar, que agora mandaram um aparelho para cá para se ver a umidade, mandam uma pessoa vir aqui ver se está adequado ou não está, entendeu? Então essas parcerias, uma parceria também com o museu lá da UFRGS, então a gente acabou tendo parceiros junto ao nosso trabalho, que são mais ou menos uns quatro, cinco, eu posso ter esquecido alguém, mas acho que são quatro ou cinco parceiros que a gente tem que e que a gente pode contar para ajudar nesse nosso trabalho da memória do acervo do esporte.

C.M. – Teve também uma museóloga trabalhando aqui?

L.M. – Teve, teve.

C.M. – Que época que foi isso?

L.M. – A Vera Rangel²⁰, ela veio para cá, se não me engano, em 2004 e a Vera Rangel ela é formada, eu acho que hoje ela é doutora, ela fez o doutorado dela em Portugal nessa coisa de museu e acervo e ela trabalhou conosco e ela desenvolvia todo o trabalho, ela fazia exposições, era ela que montava, que organizava, e que fazia toda a estratégia de uma exposição, como tu vai montar, como não vai, quantos cubos vai, quantos não vai, que material que eu vou levar, que material que eu não vou. A gente acabou levando um material, todo ele para ser digitalizado por uma empresa, ela que separou, ela que levou, ela que limpou, ela fez também toda uma catalogação de fichas desse material que a gente tem que hoje ainda é usado pela Christiane, que hoje trabalha no acervo, é usada essa catalogação. Então a Vera ficou aqui, eu acho que ela foi uma pessoa bem interessante, porque ela trabalhou, ela também se doou por um bom tempo aqui para Centro de Memória e como ela trabalha também no Grêmio Náutico União, ela ficou por um tempo, porque ela era contratada, depois não tinha como ela ficar mais, porque não se tinha mais bolsa para pagar ela desses projetos da professora Silvana e ela infelizmente foi obrigada a nos deixar,

¹⁹ Ana Carolina Gelmini.

mas foi uma pessoa que foi bem interessante para o Centro de Memórias, acho que ela ajudou em algumas coisas, acho que ela teve a sua participação aqui.

C.M. – Quando você entrou o acervo da dança já estava, de certa forma, constituído com os materiais do Rolla e o da ESEF, o acervo de lazer com a doação da família Gaelzer²¹, já estava aqui?

L.M. – Olha, Christiane, essa doação, tipo o material da dança, ele foi entregue para nós, mas como eu te digo, ele não era um material como hoje está, ele não era um material catalogado, ele não era um material higienizado, porque todo material que a gente recebe ele não tem tratamento, ele é entregue aqui para nós e quem trabalha no acervo é que faz a limpeza, higienização, a catalogação desse material, ver o que serve, o que que não serve, se dá para ir para descarte, se não dá. A pessoa, quando vem entregar, assina um termo deixando aqui e depois se a gente não quiser qualquer coisa, a pessoa vem aqui e leva de volta o material. Porque a gente não pode colocar o material da pessoa fora, então a gente deixa esse material à disposição até que a pessoa venha buscar. É que como nós não temos uma política de acervo, que a gente está trabalhando nisso exatamente agora no ano de 2015, que está se criando, começou essa política no ano de 2014 na verdade, no início de 2014 e quem está trabalhando fortemente nessa política de acervos, inclusive é a Christiane que está trabalhando nessa parte, aí então a partir de agora que a gente está se estruturando no recebimento do material. Como eu te disse, como existia o material da dança, não tinha nada, existiu o material da dança, quando veio o material da ESEF existiu o material da ESEF, tinha ali, alguém quer vir pesquisar vem, mas o material está sujo, o material não está higienizado, o material não está nada, mas existe o material. Se a pessoa quiser pesquisar, claro que vou dar uma luva e uma máscara e a pessoa vai entrar ali e vai pesquisar, mas não é o material ideal para que a pessoa pegue aquele material, mas ela tem o material para pesquisar. Quando o material do lazer do Gaelzer e da filha chegou..., olha, Christiane, eu acho que foi em 2007 ou 2008, por aí, que veio todo esse material para cá. Foi uma doação da família, inclusive com coisas muito interessantes, é um material de lazer do Gaelzer, é um material riquíssimo que ele trabalhou e que a filha trabalhou também com essas questões de lazer e aí veio uma quantidade enorme de livros e

²⁰ Vera Maria Sperandio Rangel.

documentos para cá. Então os livros, hoje em dia, fazem parte de pesquisa da biblioteca, são emprestados e grande parte fica nesse nosso acervo, como eu já tinha falado, no acervo histórico, e os documentos ficam todos aqui no Centro de Memória. Inclusive quem trabalhou com o material da Lenea Gaelzer foi a Christiane, que está fazendo a entrevista comigo, e quem trabalhou com o material do Gaelzer foi a Eneida Feix, que foi ela que também trouxe esse material, porque ela já tinha contato com essas pessoas, ela trabalhava lá na Secretaria Municipal²² de Porto Alegre, trabalhava com lazer e daí ela fez uma tese sobre o Gaelzer, então a maioria desse material quem trouxe para nós foi a Eneida. Assim como o material da Universidade²³ também que veio para cá através de uma menina que estava fazendo um trabalho aqui com a Silvana, que trouxe o material para nós, então as coisas começaram a chegar de pessoas que estudam essas coisas, que estudam, e pessoas que são, a maior parte, ligada ao esporte que gostam dessa coisa da preservação e da memória.

C.M. – Queria que você contasse mais um pouquinho como é que foi a doação do Henrique Licht também que foi a doação meio que deu início a coleção olímpica e a coleção de esporte.

L.M. – O Doutor Henrique, ele, hoje, está com noventa e dois anos, ele é uma pessoa que é extremamente ligado ao esporte, ele já viajou por quase todos esses lugares aí do mundo e aqui, e ele foi uma pessoa, Christiane, muito ligada às questões do esporte aqui da cidade de Porto Alegre. Na época, nos anos dele aí de 1960, 1962, ele foi uma pessoa importantíssima, *muito, muito, muito* importante, tem fotos dele, tem recorte de jornais contanto a história e a trajetória dele, então ele foi secretário do esporte do não sei o que, ele foi lá outro secretário de não sei o que, ele participava da Confederação do Remo. Ele tem vários trabalhos que ele fez nessa secretaria, que acho que era uma secretaria do estado ligada ao esporte, então ele era um homem muito influente e além de ser um homem muito influente, ele se dava com grandes personalidades, como ele se dava com grandes personalidades do esporte, inclusive o Nuzman²⁴ ia doando para ele materiais, como esse

²¹ Família de Frederico Guilherme Gaelzer e Lenea Gaelzer Porciúncula.

²² Secretaria Municipal de Esporte e Lazer.

²³ Jogos Mundiais Universitários.

²⁴ Carlos Arthur Nuzman.

homem também era muito importante ligado ao esporte, às coisas olímpicas, então cada vez que esse senhor ia para algum lugar, esse senhor, como era amigo pessoal do Licht, “ah, estou te mandando um botom não sei o que”, “ah, estou de dando uma caneca não sei do que, de um esporte que aconteceu lá, dos jogos de inverno, das Olimpíadas de mil novecentos e tanto” . E a partir de então o Doutor Henrique, ele, como era uma pessoa conhecida, outras pessoas também doavam esse material e ele mesmo era um colecionador, porque ele é um apaixonado por isso, a gente já vai lá na casa dele, eu, a Christiane, que geralmente vamos, porque ele chama a gente para ir lá, não é uma coisa que eu vá me oferecer para ir na casa dele, ele sempre chama e a gente vai lá para buscar as coisas, e ele conta muito e ele fala muito dessas coisas, então ele criou esse acervo pessoal, lá na casa dele tem de tudo que tu possa imaginar em relação a esporte. Quer dizer, tinha, Christiane, porque ele doou tudo para o Centro de Memória e continua ainda hoje doando algumas coisas, tudo o que ele recebeu ele doou. Então ele criou esse acervo pessoal e aí ele falou com os filhos dele que quando ele não quisesse mais, depois de anos, ele fez uma doação. A gente fez até com a professora, que era a reitora na época, a professora Wrana Panizzi²⁵, veio a professora Wrana, a gente fez tudo aqui, uma doação. Eu só não posso te precisar a data, mas a gente tem o documento que conta exatamente a data da doação desse material. Foi muita coisa, *muita, muita* coisa, era material olímpico, era material não olímpico, era coisa de remo, era coisa de lazer, era coisa de esporte em geral, era material do remo dessas confederações que ele fazia parte, era matéria tridimensional, era roupa. Olha... tudo o que tu possa imaginar de material ele doou tudo e hoje ainda doa esse material. Ele constituiu e a partir daí pela quantidade de material que hoje tem, porque a maioria das coisas que a gente tem foi ele que doou e ele continua doando, a gente diz como acervo olímpico do Doutor Henrique Licht, que foi ele que deu essa empurrada geral para o CEME. Ele disse que teve outras ofertas, a PUC²⁶ solicitou, a ULBRA²⁷, a Universidade de Caxias²⁸ e tudo, mas como ele tinha um vínculo muito grande com a ESEF e a universidade e ele também, já tinha trabalhado aqui na ESEF como médico, lá no Centro Natatório, que ele foi médico também do Centro Natatório, ele pegou e os filhos dele estudaram aqui, ele tinha um vínculo muito grande com a UFRGS e se dava pessoalmente

²⁵ Wrana Maria Panizzi.

²⁶ Pontifícia Universidade Católica.

²⁷ Universidade Luterana do Brasil.

²⁸ Universidade de Caxias do Sul.

com a professora Wrana, e aí conheceu a professora Silvana, ficou sabendo do trabalho dela e aí ele resolveu doar todo material para a ESEF, para o Centro de Memória do Esporte. Esse material a gente começou com pequenas exposições em shoppings de Porto Alegre para divulgar a riqueza desse acervo, que nós tínhamos de peças de exposições, de jogos olímpicos, do primeiro jogo olímpico até o último que teve das primeiras Olimpíadas, a gente começou em pequenos shoppings fazendo exposições e mostrando esse material. A partir daí e se trabalhando, e fazendo exposição na reitoria e fazendo exposições no salão de extensão, no salão de pesquisa, no salão de iniciação científica começou a se mostrar, se mostrar, se mostrar e hoje quem tem somente esse material é o Centro de Memória do Esporte. Nós temos, inclusive, a primeira medalha do tiro²⁹, que ele tinha essa medalha e ele doou para o Centro de Memória. Fora essa, nós temos outras raridades também, nós temos várias e várias caixas só de material olímpico e não olímpico e outros materiais que ele doa. Então a gente tenta sempre levar esse material para conhecimento da comunidade, porque não adianta nada esse material estar aqui dentro do Centro de Memória, esse material tem que circular para que as pessoas conheçam o que que a gente tem dessas preciosidades, Christiane, porque para mim isso são materiais muito preciosos que a gente tem porque ninguém tem.

C.M. – Como é que foi a doação da professora Morgada Cunha³⁰?

L.M. – Assim... Quando a gente recebe um material, as pessoas que trabalham com essas áreas específicas, fazem um contato com essas pessoas vão lá. A primeira finalidade do contato com essas pessoas é que a memória dessas pessoas não seja perdida, então a nossa finalidade, no primeiro momento, é fazer uma entrevista para que a pessoa conte toda essa experiência dela e para que a sua memória, o que ela fez, fique preservada para o Centro de Memória na área do esporte, da dança, do lazer e das outras coisas que a gente trabalha, essa é a nossa primeira finalidade. Acervo já é uma segunda etapa. Então o entrevistador quando vai entrar em contato com o entrevistado, se ele consegue, de uma certa forma, interagir com aquele entrevistado e o nosso entrevistado ver que o Centro de Memória é um lugar sério e que toda a memória dele vai ser preservada, cuidada, se ele tem alguma coisa, ele naturalmente vai querer doar esse material. Então eu acho que foi o caso da

²⁹ Medalha de Dario Barbosa, nos Jogos Olímpicos da Antuérpia (1920).

Morgada, porque ela foi uma professora de dança aqui da Escola, professora titular da cadeira de dança. Recentemente, agora no mês de março, teve uma homenagem para ela aqui na Escola, uma sala foi colocada como nome dela. Acho que ela viu a seriedade do nosso trabalho e aí ela começou a doar, para o Centro de Memória, tudo o que ela tinha em relação a dança e o trabalho que ela desenvolveu na Escola. Só que não começamos a mexer no material da Morgada da Cunha, porque até agora se está trabalhando especificamente como Rolla. Os outros documentos de outras pessoas que, também como o Rolla, tal qual, foram importantes dentro da dança, a gente tem um material, tem os acervos, mas na profundidade nós não mexemos e a gente sabe que tem, mas a gente nem sabe bem certo o que se tem.

C.M. – Sobre o acervo do CBCE³¹.

L.M. – Ah! O acervo do CBCE foi uma parceria com a professora Silvana, eu acho que ela, não sei te dizer certo, mas acho que ela conhecia os integrantes lá do CBCE e aí como o CBCE ele fica de tanto em tanto tempo, de dois em dois anos em cada região, quando ele veio para Porto Alegre para se fixar na Escola de Educação Física da ESEF, ele teve uma sala e esse material tinha que sair da onde ele estava para vir para cá e aí numa parceria com a Silvana todo esse material foi doado para o Centro de Memória. Inclusive eu fui lá buscar esse material, com o rapaz da kombi, buscamos todo o material. Só que o material foi assim, eles simplesmente pegaram e colocaram os materiais todos nas caixas, como eu já disse, e não veio nada catalogado, nada separado, nada. Esse trabalho foi feito durante a presença da Chris, que trabalhava no CBCE, tinha bolsistas específicos que trabalhavam com ela, e ela designou bolsistas para trabalharem no acervo do CBCE. Tanto que hoje a maioria do acervo do CBCE, ele tem seu espaço dentro da reserva técnica do Centro de Memória, ele já está, mais ou menos, todo ele separado em assuntos, em documentos, mas ele ainda não está totalmente catalogado, que é uma segunda etapa isso aí que é mais demorado. Mas a higienização já foi feita, a guarda do material já foi feita. Que eu saiba foi isso, dessa forma que foi doado e foi bastante coisa, Christiane. Eu me lembro que eu fui lá e ainda trouxe um termo, que tem um termo que nós temos aqui no Centro de Memória, acho que esse termo se não tem umas dez páginas só de doações, que veio tudo

³⁰ Morgada Assumpção Cunha.

que tu possa imaginar, porque não podia ficar nada lá, então veio tudo para cá. E aí a partir do trabalho da Christiane, algumas coisas foram já descartadas e outras coisas realmente importantes, que não se pode descartar, ficaram aqui no Centro de Memória já para essa catalogação, já foi algumas coisas, acho que na grande maioria já foi feita, mas falta agora, de repente, vai alguma coisa para o repositório digital, mas é um segundo momento porque agora a gente está em fase de muito trabalho e essas coisas vão ficar para *posteriori*.

C.M. – O acervo dos estudantes, da Executiva Nacional³²?

L.M. – Também, veio um rapaz aqui que era muito amigo da Silvana, não sei te precisar o nome, mas como a Silvana conhece muita gente, veio esse rapaz que era presidente dessa Executiva. Porque eles se encontram nesses seminários, nesses congressos, essas coisas, e aí também, geralmente, como o Centro de Memória é uma instituição que, apesar de todas as nossas dificuldades, ele já está institucionalizado, as pessoas querem mandar tudo para cá para gente. Então esse também foi um dos acervos que esse rapaz conversou com a Silvana, não tinha lugar onde colocar, ninguém queria o acervo, ninguém trabalhava com isso, ninguém tinha intenção de manter memória nenhuma aí ele ofereceu para a Silvana e a Silvana fez uma parceria: “Eu aceito, pode mandar lá para o CEME”. Também já teve bolsistas que trabalharam nesse material, que separaram esse material, que higienizaram esse material, que colocaram em caixas só falta também a catalogação, mas como é muita, muita, *muita* demanda tanto do CBCE, como do movimento estudantil, a gente precisa de mais gente que trabalhe com essas questões, que estude essas questões para poder trabalhar no material. Mas também ficou para um segundo momento porque agora a gente está dando prioridade ao repositório digital que é importantíssimo, que já teve não sei quantos mil acessos aí, e para entrada desses objetos no repositório digital, mas ao longo do tempo se trabalha quando tem bolsistas e pessoas que vem trabalhar que queriam trabalhar com esses assuntos, o material está disponível já para acesso dessas pessoas.

C.M. – E o acervo do PST³³?

³¹ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

³² Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física

³³ Programa Segundo Tempo.

L.M. – Olha, o acervo do PST também foi uma parceria da professora Silvana com o professor Ricardo Petersen, essa parceria também começou há pouco tempo, acho que essa parceria é de 2010, faz cinco anos que nós temos essa parceria do PST e que são as memórias do Programa Segundo Tempo, então como a gente já trabalhava com outras memórias, com outros acervos, o professor Ricardo em parceria com o Ministério do Esporte fez essa parceria com a professora Silvana para que se cuidasse, se tratasse, se catalogasse, se colocasse no Repositório, se higienizasse todo o material do PST também. Esse acervo quando é disponibilizado, que não acontece raramente, mas esse acervo quando é disponibilizado pelas Equipes, vêm para cá e esse material recebe todo um tratamento e é guardado e fica como memória desse programa aqui no Centro de Memória também para ser estudado, para que as pessoas possam escrever alguns artigos e que essas pessoas possam consultar esse acervo.

C.M. – O acervo da Universíade?

L.M. – O acervo da Universíade, Christiane, foi pela Maristel³⁴.

C.M. – Porque quem fez o mestrado com isso foi a Diná³⁵ não é?

L.M. – Sim, a professora Diná, ela trabalhou com a Universíade, mas porque ela participou da Universíade, ela foi uma das integrantes da Universíade, ela era jogadora de vôlei e aí então, como ela era professora daqui, ela ia se aposentar, ela fez um mestrado em relação ao que ela participou, mas quem doou o material e quem trouxe todo esse material da Universíade, que é riquíssimo também aqui, foi a Maristel.

C.M. – Que fez depois um livro...

L.M. – Exatamente, que fez um livro. Foi ela que trouxe esse material aqui, nós também trabalhamos com ela, fizemos uma exposição lá naquele Museu do Hipólito da Costa junto com ela. Ela lançou o livro da Universíade e tal, foi essa menina que conseguiu todo esse material da Universíade e ainda trabalhávamos lá no anexo do Ginásio I e aí ela escreveu

³⁴ Maristel Pereira Nogueira.

um livro sobre isso e ela fez mestrado dela na PUC, nem foi aqui com a Silvana, sobre a Universidade e ela trabalha até hoje com essas questões da Universidade. A gente fez com esse material também exposições, lá na câmara dos vereadores, levando todo esse material porque é um material também inédito que ninguém tem e um material riquíssimo também.

C.M. – Leila, agora eu queria que você falasse sobre o Repositório Digital, como é que foi essa decisão de colocar o acervo disponível, como foi esse processo?

L.M. – O processo sempre começa pela Silvana, como a gente já tinha muito, muito material e o nosso material é inédito, que ninguém tem um material muito rico na parte do esporte, relacionado ao esporte, a dança, ao lazer, a educação física, é riquíssimo, então a partir da professora Silvana e conversando com as meninas da biblioteca, que já existia o LUME³⁶, se pensou em criar um repositório para se colocar todo esse material para que as pessoas tivessem acesso *on line* sobre essas coisas, entendeu? E aí começou um trabalho conjunto entre a Silvana e a biblioteca da Escola, criaram um repositório e o PST doou a máquina, um servidor, e a partir daí a Silvana criou uma equipe de pessoas que fazem esse trabalho de colocar tudo o que a gente tem para as pessoas terem acesso desse material no Repositório Digital. Tanto que esse repositório é show da bola, é a bola da vez porque ele teve já não sei quanto mil acessos, todo mundo olha, todo mundo procura o Centro de Memória para saber mais informações. Eu sei que o Repositório é, também, um carro chefe, faz o maior sucesso hoje em dia e ele é muito trabalhado pelas gurias lá do CPD³⁷. Ele é feito com todo cuidado para que nada esteja errado, tem que ter autorização das pessoas para colocar lá no Repositório, as entrevistas, o material que a pessoa doa. É um trabalho muito minucioso que não é todo mundo aqui no CEME que faz, são algumas pessoas que fazem que a Silvana delimitou e que a Silvana escolheu para que fizesse esse trabalho, porque já que não pode ser todos a mexer para não virar uma coisa que não se entenda ou que dê algum problema, então são poucos, mas é um trabalho que deu muito certo também aqui no Centro de Memória.

³⁵ Diná Pettenuzzo Santiago.

³⁶ Repositório Digital da UFRGS.

³⁷ Centro de Processamento de Dados da UFRGS.

C.M. – Agora sobre o financiamento, como é que o CEME se mantém, compra equipamento, compra materiais?

L.M. – O CEME se mantém com os projetos da professora Silvana, porque é ela que faz a maioria dos projetos e várias áreas, ela passa o tempo todo onde pode achar recurso e bolsa para esse pessoal, porque como é muita gente, então ela trabalha muito nessa parte de ver onde estão os financiamentos, buscar recursos, ver o que que está aberto da parte da extensão, na parte da pesquisa, quais os editais que estão financiando coisas que a gente possa adquirir aqui para o Centro de Memória através dos editais. Alguma parte do nosso material, também, um material mais burocrático, material do dia-a-dia é fornecido pela direção da Escola, folha, cartucho para impressora, essas coisas mais administrativas, lápis, borracha, caneta, toalha de papel, copo, água, essas coisas são pela direção da Escola e mais algumas coisas que a gente precisa de imediato é feito pela subprefeitura, também da Escola, só a gente fazer uma requisição, a parte da elétrica também é feita pela Escola, mas a parte de bolsas para que todos sejam contemplados é feita pela professora Silvana.

C.M. – E você acha que a presença do Centro de Memória impacta, de alguma forma, no ensino aqui da faculdade? Tem alguma diferença ter ou não ter o Centro de Memória?

L.M. – Ah! Eu acho que sim, sim, sim, faz diferença, faz diferença porque o Centro de Memória, hoje, como ele se tornou uma referência ele faz a diferença porque é interessante dentro da própria Escola de Educação Física tu ter um acervo riquíssimo como o nosso na parte da educação física para os alunos que estudam a educação física terem, de certa forma, contato com as exposições que a gente faz, com o material de pesquisa que a gente tem *in loco* que o aluno pode vir aqui, pode pesquisar, pode saber o que a gente tem, o que a gente não tem, olhar o nosso material. Nada aqui é fechado, nós somos pessoas aqui que todos nós trabalhamos, tem sempre um que vai ali e mostra para o aluno, explica, ensina, sabe? Se o aluno quer vir para cá, quer vir pesquisar, mesmo que o nosso grupo seja grande ele vai sentar junto conosco, ele vai perguntar a gente vai explicar, então para ele fazer uma pesquisa, qualquer coisa que ele queira apresentar na sala de aula, se ele quer apresentar algum tema que tenha dificuldade de procurar, algum material, alguma coisa, pode vir para o Centro de Memória. A maioria dos esportes nós temos material desde o

remo até lá sei eu, imagina, a gente tem aqui, claro que algumas coisas a gente tem dificuldade, alguns esportes ainda são deficitários aqui no Centro de Memória, não se tem um acervo completo, mas sempre se tem alguma coisa que possa definir o que é aquele esporte, uma foto, alguma coisa a gente sempre tem aqui. Eu acho muito importante, porque quando a gente monta uma exposição, quando os alunos entram na universidade a primeira coisa que eles vem ver é a exposição aqui do Centro de Memória para ter noção do que que é o esporte, como é, como não é, a gente faz exposição contando as Olimpíadas, contando o que que é o remo, o que que é a natação, quem foram os atletas, traz esse material olímpico do Doutor Henrique Licht, mostra as peças. Eu acho interessante, e quando os alunos trabalham, porque os nossos bolsistas aqui, eles praticamente trabalham com a temática que nós temos dos nossos acervos, quando tu vai apresentar num salão de iniciação científica, num salão de extensão, ou tu vai num congresso apresentar as coisas que a gente tem no Centro de Memória, é interessante, acho que isso é que faz a diferença desse crescimento contínuo do Centro de Memória, o Centro de Memória tem essa parte específica de preservação de memória do esporte. Eu acho que isso contempla tanto os alunos, eu como técnica, a professora Silvana como coordenadora, os nossos colegas doutorandos, mestrandos, pesquisadores, o público em geral. Mesmo porque a gente já teve experiências que quando tem aquele Portas Abertas nós temos aqui um número grande de escolas de crianças que ficam influenciadas a fazer educação física, já uns do ensino médio, olhando a quantidade de coisas que a gente tem aqui no Centro de Memória isso acaba, querendo ou não, influenciando: “Ah, é legal, tem esse material, a gente vai estudar isso ou não...”. Eu acho que faz muita diferença, Christiane.

C.M. – Sobre a pesquisa, sempre teve o grupo de pesquisa junto com o Centro de Memória?

L.M. – Sempre teve. É uma das prioridades da Silvana, a Silvana trabalha muito, muito, muito, muito com pesquisa, então desde o início da direção do Centro de Memória sempre foi, os primeiros bolsistas do Centro de Memória eram alunos petianos, que saíram do PET³⁸, porque a Silvana era coordenadora do PET, também, então ela trazia, não vou dizer, mas sempre foram os melhores dos melhores, porque quem está no PET é um aluno que

³⁸ Programa de Educação Tutorial.

tem um potencial um pouco maior, então ela trazia esses alunos do PET para o Centro de Memória e os que não eram do PET, eram alunos que tinham currículos bons, se desenvolviam bem nas aulas, se aproximavam da temática que a Silvana trabalhava e eram os alunos ou que procuravam ou que ela falava com eles que quisessem vir aprimorar seus estudos no Centro de Memória. O Centro de Memória, ele sempre teve um grupo muito afinado com as questões do que a gente trabalha, que é gênero, sexo, sexualidade, agora essas coisas aí que a Silvana está trabalhando de futebol e a história, então as pessoas que se aproximam dessas temáticas todas elas têm um grande envolvimento com a Silvana e com as coisas que ela trabalha e com o CEME também.

C.M. – Pode me dizer o que era tematizado no grupo de pesquisa no início quando tu estava e o geral ainda que foi desenvolvendo nesses quinze anos?

L.M. – Olha... no início, é como eu te disse, essas aproximações com essas coisas que a Silvana trabalha, gênero e sexualidade, a maioria das pessoas fazia esse tipo de trabalho, vários que entraram aqui trabalharam com essas temáticas, ao longo do tempo outros começaram a fazer a história do esporte, outros começaram a trabalhar, desenvolver tese de mestrado e doutorado com a finalidade mais histórica, alguns, mas nunca deixando essa parte do gênero e da sexualidade, como a Silvana orienta eles, de lado. E agora por último, a Silvana está trabalhando mais nessa questão do futebol feminino, então as pessoas que se aproximam tanto do nosso grupo como é hoje, as pessoas que mais se aproximam com a temática do futebol feminino estão no nosso grupo, tem poucas pessoas que não estão trabalhando com essa temática, já faziam parte do grupo antes, mas as que estão entrando recentemente é que fazem parte da temática do futebol feminino, que é o que ela está trabalhando no momento. Então ele nunca ficou, ah é só tal coisa, não, são várias temáticas que são abordadas dentro do grupo, mas sempre com a mesma direção.

C.M. – Além das pessoas da Educação Física e das pessoas que você já citou da museologia e da biblioteca a pareceram outras pessoas com outra formação?

L.M. – Outras pessoas com outra formação não, a maioria é daqui da Educação Física, agora por último como o Centro de Memória cresceu muito nós tivemos gente da história,

gente da museologia, gente da arquivologia e eu acho que são essas pessoas. São pessoas que trabalham nesse contexto de acervo e de museu que se aproximam, que gostam porque sabem que aqui como o trabalho é muito insalubre, tem pessoas que não tem afinidade com esse tipo do nosso trabalho, de higienizar material porque vai ter pó, porque vai ter sujeira, vai ter fungo, vai ter isso, então não são todos que trabalham, mas a maioria quem se aproxima do Centro de Memória são os alunos da Educação Física, da História e da Museologia.

C.M. – Sobre as metodologias utilizadas, você pode falar um pouquinho do início do Garimpando Memórias, quem vocês buscaram, a princípio, no Garimpando e como que esse projeto foi crescendo?

L.M. – A metodologia do Garimpando é praticamente a história oral. A Silvana trabalha com essa coisa da história oral e essa era a metodologia que até hoje ela é desenvolvida, que a gente aplica muito aqui. Eu acho que não teve muita diferença de outros estudos, de outras metodologias, acho que basicamente é história oral, que eu vejo aí todo mundo trabalhando. E a Silvana faz reuniões e dá textos para as pessoas lerem, antigamente tinha pessoas que liam alguns autores, uns mais outros menos, depende da temática que trabalhava. Então um tipo de texto é mais para um aluno de mestrado, outro tipo de texto é mais para outro aluno, mas sempre foram autores diversificados, não sei bem te dizer nomes de pessoas que eu não lembro agora, mas cada um dentro dessa metodologia da história oral, isso que eu sempre vi trabalhando aqui.

C.M. – E no início quem vocês buscavam para entrevistar, quais foram as primeiras entrevistas?

L.M. – Na verdade, no início trabalhava eu, a Berê e a Silvana, nós três [risos], então Garimpando Memórias, na verdade a primeira entrevista de todas foi com o doutor Henrique Licht, pela história que contou, que até fui eu e a Berê que a gente fez a entrevista, pela história dele, pelas coisas que ele tinha para contar e pela memória para aquilo não se perder, para ficar sabe? E aí buscava tudo, a gente fazia um roteiro de entrevistas e saía com o nosso gravadorzinho, depois a gente não tinha nada dessa coisa de

saber como transcrever, como não transcrever, daí começou a buscar manuais para saber como era, como não era, daí foi para tal desse CPDOC³⁹ para ver como funcionava, como não funcionada, entendeu? Mas no início era só eu e a Berê, tanto que a do Licht foram as primeiras entrevistas aí começou uma atrás da outra. Depois do Licht, a gente começou a buscar outras personalidades que tinham influência ou na dança, ou no esporte, ou professores mesmo na Escola que contassem sua história, funcionários da ESEF que contassem sua história que vivenciaram esses momentos, entendeu, Christiane? Porque alunos, pessoas que tivessem de alguma forma, que presenciaram alguma coisa dentro do esporte ou aqui na ESEF, que tivesse alguma coisa para contar porque não adianta nada chegar e pegar uma pessoa aleatória e aquela pessoa não viveu nada, não presenciou nada, só vou ali perder tempo com aquela pessoa, então essa pessoa não. A gente faz todo um estudo, vê quem é, quem não é, como é hoje em dia, tem toda uma preparação, tu vê quem é a pessoa, tu estuda, tu sabe, mais ou menos tem que saber o que tu vai falar com aquela pessoa, o que tu vai perguntar, da forma como tu vai perguntar, se aquela pessoa vai corresponder e te dizer realmente o que tu quer escutar, se aquilo vai interessar ou não vai. Então tem tudo isso e hoje nós estamos, acho que com muitas, nem sei te dizer, na verdade, quantas entrevistas a gente tem porque não sou eu que faço esse controle, porque hoje em dia as coisas estão divididas por setores, mas posso te dizer que as entrevistas sempre são feitas por pessoas ou que fazem parte dessa área do esporte, tanto na dança, do lazer, dessas atividades que a gente trabalha aqui e como as entrevistas são feitas com professores, funcionários, técnicos da Escola para que se preserve um pouco dessa memória, para que essa memória fique preservada no CEME mesmo, no Centro de Memória e essa memória com certeza vai ficar porque a maioria das entrevistas já estão todas no nosso Repositório Digital, as que não estão vão ainda entrar. Todo mundo tem acesso a tudo e saber o que a pessoa contou, o que a pessoa pensa, saber se essa pessoa tem mesmo afinidade, se não tem, até porque a entrevista vai na íntegra, a gente não tira nada a não ser que o entrevistado queira tirar alguma coisa.

C.M. – Leila, nesse período que tu está aqui, teve algum incidente com o acervo, algum alagamento, incêndio?

³⁹ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

L.M. – Teve! Teve um ano aí que a gente estava trabalhando, daí a gente terminou o expediente, todo mundo foi embora e nós éramos ainda anexo desse Ginásio I, que eu estou te falando. E tinha um pessoal trabalhando na reforma do ginásio, não sei o que eles estavam fazendo lá, não sei se era forro, não sei se era telhado, não sei te dizer o que que era, nós fomos embora, trabalhamos o dia todo, fechamos o acervo e o Centro de Memória, fechamos tudo e fomos embora. Quando foi de madrugada ligaram para Silvana dizendo que o Centro de Memória estava pegando fogo e foi exatamente o Centro de Memória que pegou fogo, porque o cara começou a trabalhar com aquela coisa de solda, sabe? E como era um ambiente muito insalubre, seco, aquilo ali, muito seco, muito quente, uma faísca daquela só pegou fogo, pegou fogo e aquele fogo se alastrou só que aí nós tivemos algum prejuízo, porque quando foram chamados os bombeiros, o bombeiro ele não tem cuidado com nada, ele não quer saber se é Centro de Memória, se é museu, o que interessa para ele é apagar o fogo e aí eles molharam muitos livros, muitos livros foram molhados, uma parte inteira do sótão ficou queimado, aquela fuligem pegou no monte de livro, monte de documento, monte de coisa, água, ficou alagado porque eles começaram a jogar água e aquela água se alastrou. Mas o bom é que esse nosso material do doutor Henrique, não estava na parte que pegou fogo, nossas coisas estavam numa outra peça para cá, para o lado mais da entrada, e esse fogo pegou bem lá no fundo daquela parte do ginásio. Teve mais danos estruturais. Acervos e algumas coisas ficaram sujas, algumas coisas ficaram queimadas, alguns livros molhados, mas no geral a gente conseguiu salvar muita coisa e teve muita ajuda de muita gente. Eles fizeram aquelas cadeias e iam tirando tudo, tirando tudo e colocando no pátio. Porque como o fogo era lá na parte superior eles fizeram aquela corrente humana e começaram a mandar os livros, a mandar tudo o que a gente tinha e colocaram no pátio, depois a gente forrou aquilo lá, daí vieram, apagaram aquele fogo, daí aquilo ficou alguns dias para ser arrumado, depois arrumaram, depois a gente limpou e daí colocou tudo no lugar, mas não se teve grandes estragos, foi mais estrutural mesmo.

C.M. – Leila, como você definiria o CEME? O que que o CEME é?

L.M. – O que que o CEME é? Olha, o CEME é um Centro de Memória, eu acho, é um Centro de Memória do Esporte que eu acho que agrega tudo. Agrega os acervos, agrega arquivos, agrega pesquisa, agrega extensão, agrega pessoas, agrega afinidades de

diversidades de pessoas, grupos de pessoas. Eu acho que o CEME é um trabalho que a gente faz para guardar mesmo essa memória que é esquecida que não há um interesse de preservação, que tu luta para que as pessoas conheçam essa memória, para que tu faça o teu trabalho, mas que nem sempre é reconhecido porque geralmente as pessoas não dão valor, eles falam como acervo coisa velha, mesmo aqui a gente tem colegas que falam: “Ah, tu trabalha lá naquela velharia, lá com aquelas coisas velhas, aquelas coisas cheias de poeira”. Só que na verdade não é isso, a gente trabalha com a memória, e essa memória deve ser preservada, porque tanta coisa interessante que a gente vivencia e presencia desde o dia que a gente vai lá na casa do entrevistado que tem noventa e sete anos, que ele começa contar um monte de coisinhas para ti e que eu não presenciei, mas que ele sabe e ele está me contando e a partir dali eu vou vivenciar aquelas coisas com o material que ele vai me doar, com as histórias que ele contou, da entrevista que eu vou transcrever, do pesquisador que chegou ontem que não conhece nada e a gente vai ensinar e daqui a pouco ele já está correndo o mundo, isso é o Centro de Memória.

C.M. – E na sua vida, Leila, o que que o CEME representou na sua trajetória?

L.M. – Tudo [emoção].

C.M. – Bom, Leila, tem mais alguma coisa que tu quer acrescentar?

L.M. – Não [emoção].

C.M. – Então era isso, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]